

REPERCUSSÕES DO CYBERBULLYING NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES

EFFECTS OF CYBERBULLYING ON ADOLESCENTS' MENTAL HEALTH

Resumo

Considera-se *cyberbullying* quando um ou mais indivíduos utilizam os meios eletrônicos com a intenção de agredir, infligir injúria ou desconforto, humilhar, causar medo ou sensação de desespero no indivíduo que é alvo das agressões. Essas ações podem ser feitas via e-mail, salas de bate-papo, telefones celulares, mensagens instantâneas, cabines de votação online. As evidências indicam que 20-40% dos adolescentes terão pelo menos uma experiência com *cyberbullying* e que o número de cybervítimas está aumentando. O principal dano causado pelo *cyberbullying* é o de prejudicar a reputação da vítima, com repercussões que podem ser ainda maiores do que aquelas observadas no *bullying* tradicional. A vitimização relacionada ao *cyberbullying* está associada a problemas sociais e de comportamento, incluindo sintomatologia depressiva, abuso de substâncias psicoativas, tentativas de suicídio e suicídio, constituindo-se assim em problemas significativos para a saúde mental dos adolescentes.

Palavras-chave: Internet, adolescente, violência, saúde mental.

Abstract

Cyberbullying has been described as one or more individuals using electronic means with the intent to harm, inflict injury or discomfort, cause fear or a feeling of despair in the individual who is the target of aggression. These actions may be done by e-mail, chat rooms, cell phones, instant messaging, online polling booths. Evidence indicates that 20-40% of adolescents will have at least one *cyberbullying* experience and the number of cybervictims is increasing. The main problem caused by *cyberbullying* is damage to the victim's re-

putation, with repercussions that may be even greater than those observed in traditional *bullying*. Victimization related to *cyberbullying* is associated with social and behavioral problems, including depressive symptoms, psychoactive substance abuse, suicide attempts, and suicide, and can be considered a significant mental health problem among adolescents.

Keywords: Internet, adolescent, violence, mental health.

INTRODUÇÃO

O acesso aos meios de comunicação eletrônica, como a Internet e o uso de mensagens de texto, influenciou a interação social entre os adolescentes na última década. Um em cada três adolescentes prefere a comunicação eletrônica à comunicação face a face para falar sobre tópicos como amor, sexo e outros assuntos sobre os quais eles sentem vergonha de falar¹.

Porque a comunicação online é tão atraente para os adolescentes? Uma explicação plausível, apoiada em vários estudos, considera que a comunicação online aumenta a sensação de controle sobre a maneira como os adolescentes querem se apresentar e fazer revelações a respeito de si mesmos. O maior controle dessa situação cria, por sua vez, um senso de segurança nos adolescentes, permitindo que eles se sintam mais livres em suas interações interpessoais online em comparação com situações face a face^{2,3}. As características desse tipo de comunicação facilitariam, assim, a superação de ansiedades sociais e, conseqüentemente, uma maior liberdade de expressão e a formação de novas amizades (Figura 1).

¹ Médica assistente, Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP. ² Acadêmica de Enfermagem (2º ano), Escola Paulista de Enfermagem, UNIFESP, São Paulo, SP. ³ Acadêmica de Medicina (3º ano), Escola Paulista de Medicina e Escola Paulista de Enfermagem, UNIFESP, São Paulo, SP.

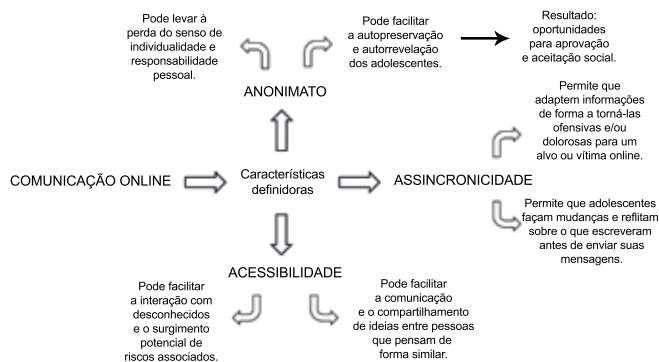


Figura 1 - Características da comunicação online.

A alta proporção de adolescentes no Brasil que usa o Facebook (61%) e o Orkut (39%) confirma a relevância dessa mídia no contexto social⁴. Entretanto, o *cyberbullying*, uma nova forma de violência expressa pelos meios de comunicação eletrônica, tem preocupado pais, educadores e pesquisadores em virtude dos seus efeitos na saúde mental dos adolescentes. O *cyberbullying* ocorre quando um ou mais indivíduos utilizam os meios eletrônicos com a intenção de agredir, infligir injúria ou desconforto em outro indivíduo. Essas ações podem ser feitas via e-mail, salas de bate-papo, telefones celulares, mensagens instantâneas, cabines de votação online, etc., com a intenção de humilhar, causar medo ou sensação de desespero no indivíduo que é alvo das agressões^{5,6}.

O *cyberbullying* pode alcançar uma grande audiência, considerando que essas agressões ocorrem no espaço virtual, com direito a livre expressão, e ficam registradas; são grandes as dificuldades para a vítima de "se ver livre do agressor" e bloquear os sites com as publicações. Adicionalmente, *cyberbullies* são difíceis de identificar e rastrear e, por essa razão, não têm medo das consequências de seus atos, já que podem não responder por essas agressões, o que aumenta a sensação de impunidade. As evidências indicam que 20-40% dos adolescentes terão pelo menos uma experiência com *cyberbullying* ao longo da vida e que o número das cibervítimas está aumentando⁷.

O principal dano causado pelo *cyberbullying* é o de prejudicar a reputação da vítima, com repercussões que podem ser ainda maiores do que aquelas observadas no *bullying* tradicional. A vitimização relacionada ao *cyberbullying* associa-se a problemas sociais e de comportamento, incluindo

sintomatologia depressiva, abuso de substâncias, tentativas de suicídio e suicídio, constituindo-se assim em problemas significativos para a saúde dos adolescentes^{6,8}.

COMUNICAÇÃO ONLINE E DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DOS ADOLESCENTES

A comunicação eletrônica, para a maioria dos adolescentes, faz parte do comportamento pró-social que visa desenvolver e manter redes de amizade e relacionamentos afetivos. Nessas interações, eles aprendem a se apresentar aos outros e ajustam sua autoapresentação de acordo com as reações dos outros². O senso de intimidade desenvolvido nos relacionamentos permite a autoapresentação e os "ajustes". A partir do *feedback* que recebem, os adolescentes podem ensaiar e validar suas identidades sociais e, eventualmente, integrá-las ao *self* (eu). Apresentar características de si mesmo para os outros e revelar aspectos íntimos faz parte da interação e do desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. A autorrevelação não só os ajuda a validar a adequação de suas cognições, emoções e comportamentos, mas também desperta amizades de apoio e a formação de relacionamentos românticos baseados na reciprocidade⁹. Autoapresentação e autorrevelação são habilidades inter-relacionadas que precisam ser aprendidas, praticadas e ensaiadas na adolescência, e ambas são vitais para o desenvolvimento da identidade, intimidade e sexualidade. Tradicionalmente, os adolescentes aprendem a ensaiar a autoapresentação e a autorrevelação durante a comunicação face a face, muitas vezes com os colegas e amigos íntimos. No entanto, vários estudos sugerem que a autoapresentação e a autorrevelação acontecem, cada vez mais, por intermédio da Internet^{10,11}.

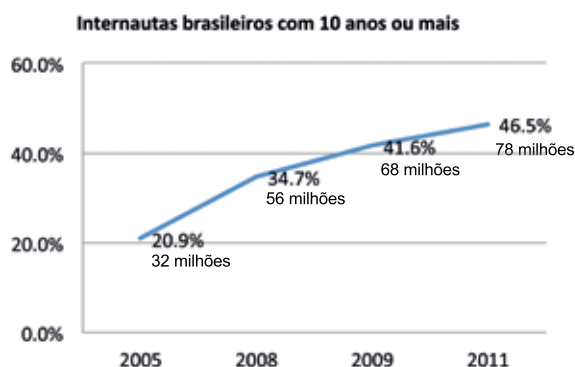
PERFIL E USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES BRASILEIROS: NATIVOS DIGITAIS OU GERAÇÃO Z

Geração Z é a denominação sociológica dada às pessoas nascidas na década de 1990 até os anos de 2010, também chamadas de nativos digitais. Essa geração se caracteriza pela multiplicidade de tarefas: são capazes de estudar enquanto ouvem música ou assistem à televisão, acessam redes sociais, falam ao celular, buscam informações na Internet, mandam mensagens instantâneas, entre outras atividades, de forma simultânea¹².

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2011, a posse de celular entre brasileiros com 10 anos de idade ou mais cresceu de 36,6%

em 2005 para 69,1% em 2011, e o número de usuários da Internet cresceu de 32 milhões em 2005 para 78 milhões, traduzindo um aumento de 20,9 para 46,5% da população¹³ (Figura 2).

Figura 2 - Crescimento do número de internautas



brasileiros com 10 anos ou mais. Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2011¹³.

O Brasil também é recordista em número de usuários residenciais de Internet: o número de horas gastas mensalmente em conexões residenciais é de 23 horas e 28 minutos, aproximando o Brasil de países como o Japão (21 horas e 34 minutos), França (20 horas e 23 minutos) e EUA (19 horas e 46 minutos)¹⁴. Em 2013, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) conduziu um inquérito domiciliar em cinco regiões geográficas brasileiras (zonas urbanas e rurais) com amostras representativas de adolescentes com idades entre 12 e 17 anos ($n = 2.002$)¹⁵. Observou-se que 64% dos adolescentes que utilizavam a Internet acessavam-na todos os dias, 26% uma vez por semana, e 9% acessavam a Internet uma vez ou menos por semana (Figura 3).

Figura 3 - Frequência de uso da Internet por adolescentes



nos últimos 3 meses. Fonte: Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 2013¹⁵.

Em relação ao monitoramento do uso da Internet pelos

adolescentes, 54% relataram ter algum acompanhamento dos pais, enquanto 46% não apresentavam nenhuma forma de controle¹⁴. A porcentagem de pais que fica por perto quando os adolescentes usam a Internet é de 43%, sendo que 28% deles conferem o histórico das páginas visitadas pelos adolescentes. Esse controle dos pais diminui com o avanço da idade dos adolescentes e é menor nas classes D/E: 58% dos adolescentes da classe A/B recebem algum tipo de controle sobre o que fazem na Internet, comparados a 53% dos entrevistados da classe C e a 43% dos adolescentes da classe D/E¹⁴.

Metade dos adolescentes nega a utilização de ferramentas para o bloqueio de informações, permitindo, assim, que suas postagens possam ser visualizadas por qualquer pessoa. Quanto ao bloqueio de pessoas nas redes sociais, 51% dos adolescentes afirmam já ter recorrido a essa ferramenta pelos seguintes motivos: não gostava da pessoa (40%), para evitar o acesso à informação (30%), não gostou do que foi postado (29%), não conhecia a pessoa (24%) e sentiu-se ameaçado (4%). A porcentagem de adolescentes que conhecem pessoas na Internet é de 39%. Entre os adolescentes entrevistados que utilizam as redes sociais, 21% adicionam pessoas desconhecidas¹⁶.

ABUSOS DA COMUNICAÇÃO ONLINE: CYBERBULLYING

Os primeiros estudos sobre *cyberbullying* verificaram se os três critérios propostos por Olweus¹⁷ para o *bullying* tradicional (intencionalidade, repetição e desequilíbrio de força ou poder) também se aplicavam ao *cyberbullying*¹⁸. A seguir apresentaremos os resultados de pesquisas recentes.

Intencionalidade

Pesquisas qualitativas realizadas com adolescentes e jovens consideram que é necessário que o perpetrador tenha a intenção de prejudicar, causar mal ou algum tipo de dano à outra pessoa para que o ato seja considerado como *cyberbullying*¹⁸. Por essa razão, a maioria das definições de *cyberbullying* considera que o comportamento é hostil e intencional.

Repetição

Esse critério é bastante discutido na literatura, considerando que, no contexto virtual, um único ato agressivo pode levar a um imenso número de repetições da vitimização sem a contribuição do perpetrador. Alguns autores consideram



¹ Médica assistente, Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP. ² Acadêmica de Enfermagem (2º ano), Escola Paulista de Enfermagem, UNIFESP, São Paulo, SP. ³ Acadêmica de Medicina (3º ano), Escola Paulista de Medicina e Escola Paulista de Enfermagem, UNIFESP, São Paulo, SP.

que esse critério pode ser menos confiável, enquanto outros consideram que tanto a repetição como a intenção são elementos cruciais para a classificação e caracterização do *cyberbullying*, e que, caso fossem excluídos, poderiam comprometer a forma como o conceito é interpretado^{6,19}.

Outros autores apontam ainda para uma diferença importante entre o *bullying* e o *cyberbullying*, relacionada às dificuldades para supervisionar o espaço virtual e as mensagens enviadas, além das competências dos pais para usar as ferramentas eletrônicas da mesma forma que os adolescentes. Somado a isso, é importante mencionar que boa parte dessas comunicações é feita nos próprios quartos dos filhos, onde os adultos nem sempre supervisionam suas atividades²⁰.

Desequilíbrio de força ou poder

Esse critério descreve que uma pessoa com mais força atinge, de alguma forma, outra pessoa com menos força. Entretanto, esse desbalanço de forças não se refere necessariamente a força física ou poder entre o agressor e a vítima, mas de um relacionamento violento entre uma pessoa que tem mais poder e outra que não consegue se defender. Os perpetradores desse tipo de violência virtual não são necessariamente mais fortes, podendo inclusive ser anônimos, e as vítimas podem ou não conhecer o agressor.

Em estudo recente, apenas metade das vítimas de *cyberbullying* conhecia os agressores¹⁹. Os agressores podem desconhecer o sofrimento que estão causando, porque não veem as reações emocionais das vítimas, como, por exemplo, as crises de choro. As cybervítimas, por sua vez, podem não revelar as agressões que estão sofrendo porque têm receio de que seus pais retirem seu acesso à Internet, computadores ou telefones celulares e, consequentemente, fiquem socialmente isolados do contato virtual com os seus amigos. Para Menesini et al.¹⁸, o que melhor caracteriza o desequilíbrio de forças é a sensação de impotência para a vítima e suas dificuldades em se defender. A definição de desequilíbrio de forças para esses autores é apoiada principalmente nas consequências para as vítimas.

Dois critérios adicionais específicos foram propostos para o *cyberbullying*: o anonimato e o público versus privado²¹.

Anonimato

O anonimato do agressor é uma característica única do *cyberbullying* e que, segundo alguns autores, aumenta os sentimentos negativos na vítima, como impotência, insegurança e medo. Entretanto, as repercussões na vítima podem ser ainda maiores quando o *cyberbullying* é realizado por algum amigo ou alguém que ele conhece^{5,6}.

Público versus privado

Os adolescentes consideram o ataque mais grave quando uma imagem constrangedora é enviada para uma página na Internet e se torna pública, em função do grande potencial de audiência quando comparada ao envio de outras formas de agressão online (mensagens, ameaças, boatos, etc.)⁵.

Os estudos identificam diferentes tipos de *cyberbullying*, de acordo com a natureza secreta ou aberta dos atos, com os dispositivos eletrônicos utilizados (ou seja, os meios utilizados para intimidar os outros) e, ainda, de acordo com comportamentos específicos. Nocentini et al.²¹, utilizando uma lista de comportamentos, propôs uma classificação do *cyberbullying* de acordo com a natureza dos ataques (Figura 4).

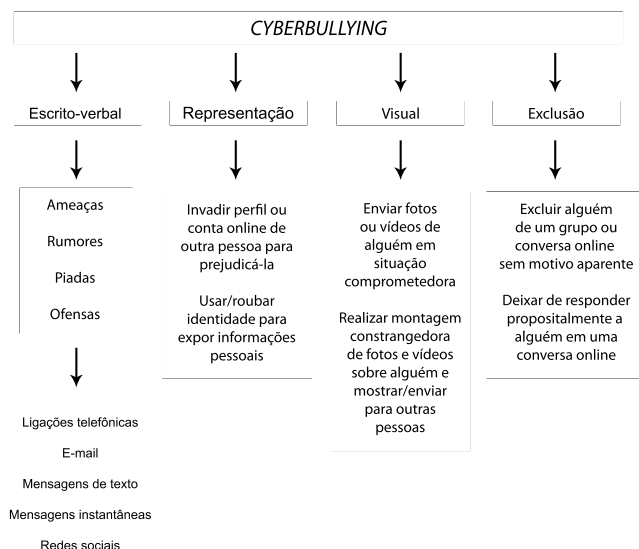


Figura 4 - Tipos de *cyberbullying* de acordo com a natureza dos ataques. Adaptado de Nocentini et al.²¹.

PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS AO CYBERBULLYING

Na revisão sistemática realizada pelos autores para avaliar a associação entre o *cyberbullying* e problemas de saúde mental entre adolescentes com idades entre 10 e 17 anos, a prevalência do *cyberbullying* variou entre 6,5 e 35,4%. Histórico de experiências prévias ou atuais de *bullying* tradicional associou-se ao *cyberbullying* tanto entre vítimas (*cybervítimas*) quanto entre agressores (*cyberbullies*). Os fatores de risco para *cybervitimização* foram os seguintes: idade entre 10 e 12 anos, uso diário de 3 ou mais horas de Internet, uso de mensagens instantâneas, postagem de informações pessoais, utilização de *webcam* e prática de assédio online⁸. Os seguintes fatores associaram-se aos *cyberbullies*: dores de cabeça, níveis elevados de dificuldades percebidas, não se sentirem seguros na escola e não se sentirem cuidados pelos professores, problemas de conduta, hiperatividade, tabagismo, embriaguez frequente e comportamento pró-social reduzido. Finalmente, todos esses fatores de risco mencionados estavam presentes naqueles que relataram experiências como *cyberbullies* e *cybervítimas*.

REPERCUSSÕES DO CYBERBULLYING NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES

As respostas emocionais dos adolescentes a um incidente de *cyberbullying* variam na intensidade e na qualidade da emoção. Entretanto, o impacto emocional é prejudicial para a maioria das vítimas, que experimentam várias emoções negativas ao mesmo tempo. A raiva foi a emoção mais relatada por adolescentes da Inglaterra, Itália e Espanha no estudo multicêntrico que avaliou o impacto emocional de diferentes formas de *cyberbullying*²². Situações como “postaram coisas a meu respeito que eu não queria que ninguém soubesse” prejudicam a reputação da vítima, humilham-na publicamente ou danificam suas amizades e status social em uma fase da vida em que o grupo social desempenha um papel importante na formação da identidade.

A raiva é considerada uma reação à violação da autonomia e ao desrespeito aos direitos e liberdades do indivíduo, e serve para facilitar uma resposta vigorosa quando uma ação tem impacto negativo sobre o *self* – é, portanto, uma reação considerada saudável. Nesse mesmo estudo, 20-30% dos adolescentes não se importaram com os incidentes, e 5,9% foram considerados vítimas fortemente afetadas porque apresentaram várias emoções negativas ao mesmo tempo, como raiva, estresse, preocupação, medo e, principalmente, “se sentiam deprimidos”²².

Adolescentes que relataram experiências com *cyberbullying*, quando comparadas com outras formas de *bullying*, apresentaram sintomatologia depressiva mais grave, principalmente aqueles que sofreram ataques frequentes (duas ou mais vezes no mês)²³. Em vários estudos, o risco de *cybervitimização* é maior entre aqueles que sofreram *bullying* tradicional, sugerindo uma continuidade e sobreposição entre o *cyberbullying* e o *bullying* escolar. O espaço virtual poderia ser considerado uma extensão do ambiente escolar para as agressões ocorrerem. Tanto os *cyberbullies* como as *cybervítimas* relataram mais experiências com *bullying* escolar, tanto como *bullies* como também como vítimas de *bullying* escolar.

As *cybervítimas* podem sofrer ataques anônimos e ter suas fotos com montagens visualizadas de forma instantânea nas redes sociais. Os estudos ressaltam que algumas características das agressões online, como agressões realizadas de forma anônima por adulto do mesmo sexo ou do sexo oposto e agressões realizadas por uma pessoa desconhecida ou por um grupo de pessoas desconhecidas, associam-se ao aumento da sensação de medo e insegurança entre as vítimas. Situações de agressão online ocorrem ou são passíveis de ocorrer durante todo o dia, na própria casa das vítimas, um ambiente considerado seguro. A maioria dos adolescentes não conta o incidente para os adultos, e a principal razão relatada por eles para essa atitude é: “porque precisam aprender a lidar com seus problemas por si mesmos” (50%), além de terem receio de que os pais restrinjam seu acesso à Internet (31%) e de que fiquem socialmente isolados⁵.

Os sentimentos de desamparo e impotência para se defender do ataque podem aumentar a sensação de medo e sofrimento emocional, assim como o surgimento da sintomatologia depressiva. Os resultados dos estudos sobre a associação entre *bullying*, *cyberbullying* e sintomatologia depressiva sugerem que esses fenômenos ocorrem de forma bidirecional. Adolescentes que apresentavam sintomatologia depressiva mais grave tinham três vezes mais chances de relatar *cyberbullying* do que aqueles com sintomatologia leve ou ausente⁸. As alterações cognitivas e o humor depressivo podem alterar a percepção, o que, somado à ausência de pistas sociais, como volume e tom de voz nas comunicações online, resultam em interpretações negativas por parte dos adolescentes deprimidos, que podem ser mais propensos a perceber uma situação como ameaçadora.



¹ Médica assistente, Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP. ² Acadêmica de Enfermagem (2º ano), Escola Paulista de Enfermagem, UNIFESP, São Paulo, SP. ³ Acadêmica de Medicina (3º ano), Escola Paulista de Medicina e Escola Paulista de Enfermagem, UNIFESP, São Paulo, SP.

Além dos sintomas depressivos, o *cyberbullying* pode apresentar desfechos ainda mais devastadores para a saúde mental dos adolescentes, como o abuso de substâncias e o aumento da ideação suicida e das tentativas de suicídio²⁴. O estudo de Hinduja & Patching demonstrou que tanto vítimas como ofensores apresentam até duas vezes mais chances de realizar tentativas de suicídio quando comparados com adolescentes que não estiveram envolvidos com *cyberbullying*²⁵. A experiência com *cyberbullying* em si mesma não induz ao suicídio, porém os adolescentes que sofrem *cyberbullying* podem experimentar estados psicológicos negativos decorrentes das ações do *cyberbullying* e usar o álcool ou outras drogas como um meio de lidar com afetos negativos – uma explicação que está de acordo com pesquisas sobre a etiologia do consumo de substâncias na adolescência. O abuso de substâncias pode ainda contribuir para a habituação à dor física e à ansiedade psicológica associadas com a automutilação. Especificamente, o abuso de substâncias pode encorajar adolescentes com ideação suicida, incentivando comportamentos de automutilação, diminuindo a inibição e exacerbando humores negativos preexistentes²⁶. O modelo apresentado na Figura 5 ilustra como o uso de drogas e o comportamento violento medeiam a relação entre o *cyberbullying*, o *bullying* físico e os comportamentos suicidas em adolescentes²⁴.

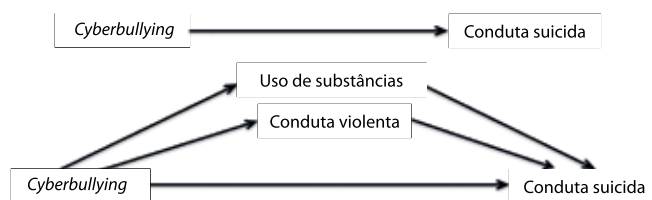


Figura 5 - Relação entre uso de drogas, comportamento violento, *cyberbullying*, *bullying* físico e comportamentos suicidas em adolescentes. Adaptado de Litwiller & Brausch²⁴.

MODELOS DE PREVENÇÃO DO CYBERBULLYING E A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS DA UNIFESP EM ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO PAULO

Desde o ano passado, estudantes de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) que participam da Liga Acadêmica de Prevenção e Intervenção à Violência (LAPIV), do Departamento de

Psiquiatria, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão, desenvolvem um programa intitulado Prevenção da Violência nos Meios de Comunicação Eletrônica entre Adolescentes da Rede Pública de São Paulo. Esse projeto de prevenção do *cyberbullying* promove grupos de discussão com os adolescentes, enfatizando a importância do uso das mídias eletrônicas para o conhecimento e também para a interação social, assegurando as vantagens e a importância do uso crítico e consciente dessas mídias, prevenindo o “abuso” que caracteriza a violência. Para isso, são discutidas as proporções que as agressões online alcançam e suas repercussões negativas, mesmo quando não houve intenção do autor. Os riscos da exposição pessoal indiscriminada também são discutidos com os adolescentes, bem como o potencial de audiência que tais mídias detêm, considerando que o espaço virtual é de livre expressão e que as publicações ficam registradas e são passíveis de serem acessadas por um grande contingente de pessoas, além das dificuldades para retirar essas publicações dos sites. Essas estratégias de prevenção pretendem que os adolescentes possam reavaliar a forma como utilizam essas mídias, suas atitudes e comportamentos relacionados à publicação online (fotos, vídeos e textos)²⁶⁻²⁸.

CONCLUSÕES

A comunicação online se tornou uma peça central na vida social dos adolescentes, oferecendo muitas oportunidades para o desenvolvimento psicossocial e a construção de relacionamentos íntimos. Entretanto, podem ocorrer situações de violência nessas interações, como o *cyberbullying*. Estratégias de prevenção devem ser promovidas para melhorar as habilidades interpessoais dos jovens que escolhem se comunicar por meio de ferramentas online, de forma que evitem comportamentos de risco na Internet, como postar informações pessoais, enviar fotos pessoais e utilizar *webcam* com estranhos, práticas que podem aumentar o potencial de incidentes do tipo *cyberbullying*. Os pais, os educadores e os profissionais de saúde necessitam conhecer os riscos da comunicação online e promover discussões sobre o tema, auxiliando os adolescentes a encontrar formas efetivas de lidar com esses incidentes.

Agradecimentos

Ao Departamento de Psiquiatria e à Pró-Reitoria de Extensão da UNIFESP, pelo apoio e incentivo à realização do trabalho, e aos alunos da LAPIV, pela participação no modelo

SARA MOTA BORGES BOTTINO
ROMAYNE MIRELLE SANTOS
BEATRIZ DE CASTILHO MARTINS
CAROLINE GOMEZ REGINA

de prevenção do *cyberbullying* entre adolescentes da rede pública de São Paulo.

Os autores informam não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: Sara Mota Borges Bottino, Rua Capote Valente, 432, cj 62, CEP 05409-001, São Paulo, SP. Tel.: (11) 3898.0580. E-mail: sarabottino@uol.com.br

Referências

1. Schouten AP, Valkenburg PM, Peter J. Precursors and underlying processes of adolescents' online self-disclosure: developing and testing an "Internet attribute-perception" model. *Media Psychol.* 2007;10:292-315.
2. Valkenburg PM, Peter J. Online communication among adolescents: an integrated model of its attraction, opportunities, and risks. *J Adolesc Health.* 2011;48:121-7.
3. Valkenburg PM, Peter J. Social consequences of the internet for adolescents: a decade of research. *Curr Dir Psychol Sci.* 2009;18:1-5.
4. Comitê Gestor da Internet no Brasil. TIC domicílios e empresas 2011 [Internet]. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil. 2012 [cited 2013 Feb 20]. <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>
5. Slonje R, Smith PK. Cyberbullying: another main type of bullying? *Scand J Psychol.* 2008;49:147-54.
6. Tokunaga RS. Following you home from school: a critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Comput Human Behav.* 2010;26:277-87.
7. Ybarra ML, Mitchell KJ, Wolak J, Finkelhor D. Examining and associated distress related to Internet harassment: Findings from the Second Youth Internet Safety Survey. *Pediatrics.* 2006;118:e1169-77.
8. Bottino SMB, Gomez CR, Correa VLA, Ribeiro WS. Relações entre cyberbullying e problemas de saúde mental em adolescentes. *Cad Saude Publica.* 2014. In press.
9. Buhrmester D, Prager K. Patterns and functions of self-disclosure during childhood and adolescence. In: Rotenberg KJ, ed. *Disclosure processes in children and adolescents.* Cambridge: Cambridge University Press; 1995. p. 10-56.
10. Davis K. Coming of age online: the developmental underpinnings of girls' blogs. *J Adolesc Res.* 2010;25:145-71.
11. Schmitt KL, Dayanim S, Matthias S. Personal homepage construction as an expression of social development. *Dev Psychol.* 2008;44:496-506.
12. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Gerações Y e Z: juventude digital [Internet]. [cited 2014 Aug 2]. http://www4.ibope.com.br/download/geracoes%20y_e_z_divulgacao.pdf
13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) [Internet]. 2011 [cited 2015 Jan 19]. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/>
14. Spizzirri RCP, Wagner A, Mosmann CP, Arman AB. Adolescência conectada: mapeando o uso da internet em jovens internautas. *Psicol Argum Curitiba.* 2012;30:327-35.
15. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). O uso da internet por adolescentes [Internet]. 2013 [cited 2014 Jul 26]. http://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf
16. Council on Communications and Media. Children, adolescents, and the media. *Pediatrics.* 2013;132:958-61.
17. Olweus D. *Bullying in school: what we know and what we can do.* Oxford: Blackwell; 1993.
18. Menesini E, Nocentini A, Palladino BE, Frisén A, Berne S, Ortega-Ruiz R, Calmaestra J, Scheithauer H, et al. Cyberbullying definition among adolescents: a comparison across six European countries. *Cyberpsychol Behav Soc Netw.* 2012;15:455-63.
19. Kowalski RM, Limbert SP. Electronic bullying among middle school students. *J Adolesc Health.* 2007;41:S22-S30.
20. National Housing Corporation (NCH). Putting U in the picture – Mobile phone bullying survey [Internet]. 2005 [cited 2015 Jan 19]. <http://www.>



¹ Médica assistente, Departamento de Psiquiatria, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP. ² Acadêmica de Enfermagem (2º ano), Escola Paulista de Enfermagem, UNIFESP, São Paulo, SP. ³ Acadêmica de Medicina (3º ano), Escola Paulista de Medicina e Escola Paulista de Enfermagem, UNIFESP, São Paulo, SP.

- avaproject.org.uk/media/28482/mobile_bullying_report.pdf
21. Nocentini A, Calmaestra J, Schultze-Krumbholz A, Scheithauer H, Ortega R, Menesini E. Cyberbullying: labels, behaviours and definition in three European countries. *Austr J Guid Couns*. 2010;20:129-42.
 22. Ortega R, Elisei P, Mora-Merchan JA, Genta ML, Brighi A, Guarini A, et al. The emotional impact of bullying and cyberbullying on victims: a European cross-national study. *Aggress Behav*. 2012;38:342-56.
 23. Wang J, Nansel TR, Iannotti RJ. Cyber and traditional bullying: differential association with depression. *J Adolesc Health*. 2011;48:415-7.
 24. Litwiller BJ, Brausch AM. Cyber bullying and physical bullying in adolescent suicide: the role of violent behavior and substance use. *J Youth Adolesc*. 2013;42:675-84.
 25. Hinduja S, Patchin JW. Bullying, cyberbullying and suicide. *Arch Suicide Res*. 2010;14:206-21.
 26. Pérez C, Astudillo J, Varela TJ, Lecannelier FA. Evaluación de la efectividad del Programa Vínculos para la Prevención e Intervención del Bullying en Santiago de Chile. *Psicol Esc Educ*. 2013;17:163-72.
 27. Hui EKP, Tsang SKM, Law BCM. Combating school bullying through developmental guidance for positive youth development and promoting harmonious school culture. *Sci World J*. 2011;11:2266-77.
 28. Bostic JQ, Brunt CC. Cornered: an approach to school bullying and cyberbullying, and forensic implications. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am*. 2011;20:447-65.